

Índios jovens continuam onda de suicídios no MS

CAMPO GRANDE - Os suicídios entre os 25 mil índios guaranis e caiuás, que vivem na região da fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, estão fora de controle. Mais uma menina, de 11 anos, se enforcou na aldeia de Amambaí. Este suicídio se soma a uma extensa lista. Nos últimos oito anos, 266 caiuás se mataram. Em média, a cada mês, dois índios se enforcam. Somente no ano passado, foram registradas 29 mortes. De acordo com a Polícia Civil, Joanir Oliveira, de 11 anos, foi encontrada morta no dia 17.

A polícia não tinha informações sobre a causa do suicídio da menina. Além de Joanir, outras crianças se mataram nos últimos anos. Virgínia Alvarnos se enforcou em dezembro de 1996; Deliana da Silva Pedro, de 10, morreu da mesma forma em janeiro do mesmo ano; Fortunata Escobar, de 10, cometeu suicídio em agosto 1995. Exatamente um mês depois, Luciana Ortiz, de nove anos, foi encontrada enforcada em uma árvore.

A pequena Luciana é a vítima mais nova de suicídio entre os índios de que se tem notícia. Ela morreu na aldeia de Porto Lindo. Outras cinco crianças com 12 anos

se mataram nos últimos anos, sem contar inúmeros adolescentes com idade entre 13 e 18 anos. Em 60% dos casos, os enforcamentos são cometidos por jovens com menos de 24 anos.

No ano de 1995, o número de suicídios entre os guaranis e caiuás bateu recorde, chegando a 56. Em 1996, ficou em 27. No ano seguinte, alcançou a marca de 28 e, em 1998, foram mais 29 casos. De acordo com o assessor jurídico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Maucir Pauletti, os suicídios ocorrem principalmente nas reservas demarcadas, a partir de 1994, pelo antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em Mato Grosso do Sul.

Famílias de aldeias diferentes foram forçadas a viver em uma mesma área nestas reservas, depois de serem expulsas por fazendeiros de suas terras, chamadas tekohas (território original). A Funai nunca conseguiu chegar às causas dos suicídios entre os 25 mil guaranis e caiuás que habitam 22 áreas indígenas na Região Sul do Estado.

Este povo indígena ainda enfrenta problemas com alcoolismo, violência e desemprego, pois as usinas de álcool não têm contratado mais índios devido à obrigação de assinar a carteira de trabalho.